

04 JUL 1988

A economia no 1º semestre: medíocre, mas sem desastres.

JORNAL DA TARDE

Andando de lado, em banho-maria e estagnada, ainda assim a economia brasileira obteve, no primeiro semestre deste ano, um desempenho bem superior ao previsto. Se no final de 1987 boa parte dos economistas apostava que o País não conseguiria atravessar os próximos seis meses sem ingressar num processo de hiperinflação e recessão aguda, hoje, muito poucos se arriscam a manter o vaticínio para o que resta de 1988. As estimativas de crescimento do Produto Interno Bruto para o ano ficam entre -1% e 1%, muito insatisfatórias, mas não calamitosas.

Com uma inflação acumulada de 167,74% de janeiro a junho; uma queda de 6,27% na produção industrial e de 3,3% nos salários reais de São Paulo, no primeiro quadrimestre (segundo a Confederação Nacional da Indústria); redução de 7,7% nas vendas do comércio varejista, entre janeiro e abril; e um índice de 4,08% de desemprego em abril (conforme o IBGE), não há, é verdade, motivo para comemorações. Afinal, salvaram-se apenas a agricultura, com uma safra estimada em 65,91 milhões de toneladas de grãos, 1% superior à de 86/87, e as exportações — o

saldo positivo da balança comercial, de US\$ 6,799 bilhões até maio, representa mais que o dobro dos US\$ 2,1 bilhões registrados no mesmo período de 1987. O quadro, de qualquer forma, também não favorece excessos de pessimismo.

"São resultados muito acima dos esperados", observa o economista e consultor José Roberto Mendonça de Barros. Do lado externo, explica, o País está melhor do que imaginaria o mais renitente dos otimistas, com o petróleo em baixa, as cotações das exportações brasileiras de produtos agrícolas e minerais em alta e a balança comercial apontando para um superávit anual recordista de US\$ 16 bilhões. "Do lado interno, a inflação não saiu do controle, estabilizando-se entre 18% e 20% mensais. A produção industrial está, hoje, no mesmo volume do final de 1987 e o nível de emprego não vem caindo a taxas aceleradas. São dados que pintam um quadro de estagflação — estagnação econômica com inflação elevada —, desconfortável, mas não dramático."

A chave da inflação

"O ministro Mailson da Nóbrega, com sua política cautelosa,

conseguiu evitar que caíssemos no precipício da hiperinflação, mas ainda não nos afastou dele", pondera Roberto Macedo, presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo. Em seu entender, a inflação está encerrando o primeiro semestre com taxas muito perigosas e as perspectivas para o segundo ainda não são boas. "Continuamos sem clima para racionalidade econômica, seja pelo ângulo da falta de credibilidade do governo Sarney, que só se preocupa com questões menores, seja pelas decisões da Constituinte, anistiando dívidas e desequilibrando a Previdência Social. Se o Mailson conseguir segurar isso, é possível evitar a hiperinflação", acrescenta.

A inflação é, de fato, a chave para a conjuntura do próximo semestre. Se houver uma aceleração, os salários reais caem, a demanda também e, com eles, as vendas do comércio e a produção industrial, raciocina Mendonça de Barros. Segundo suas estimativas, em julho e agosto, os índices ainda ficarão perto dos 20%. "De setembro para a frente, porém, é uma grande incógnita." Até porque as eleições municipais de novembro fazem

prever um aumento dos gastos públicos, que, por um lado, pode elevar o nível de investimentos e de emprego, mas, por outro, é capaz de gerar mais inflação. Para os economistas, contudo, o pleito não representa um alto risco.

O perigo, por exemplo, está numa taxa mensal de inflação de 23%, que pode detonar um novo congelamento de preços e salários, adverte Joaquim Elói Cirne de Toledo, da Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) da USP. A economia no primeiro trimestre, segundo Toledo, comportou-se exatamente dentro de suas previsões, porque, observa ele, o grande saldo negativo da produção industrial já havia ocorrido no segundo semestre de 1987 e as maiores perdas nos salários reais, entre janeiro e junho do ano passado. "Por enquanto, a tendência é de que o ritmo se mantenha. Qualquer desestabilização de expectativas quanto à inflação, no entanto, poderá provocar um descontrole, na medida em que será imediatamente repassada aos preços e criará um processo especulativo", adverte.

Manuela Rios